

Funções gramaticais: Sujeito e predicado

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

1 Tradição gramatical

- termos essenciais:
 - “São termos essenciais da oração o SUJEITO e o PREDICADO.” [2, p. 119]
 - “As orações de estrutura favorita em português se compõem de dois termos essenciais: *sujeito* e *predicado*.” [1, p. 199]
 - “Em sua estrutura básica, a oração consta de dois termos:
 - * *Sujeito*: o ser de quem se diz algo;
 - * *Predicado*: aquilo que se diz do sujeito.
- [4, p. 234]

- sujeito × predicado:
 - “O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO.” [2, p. 119]
 - “**Sujeito** é o termo da oração que denota a pessoa ou a coisa de que afirmamos ou negamos uma ação, estado ou qualidade.” [1, p. 199]
 - “**Predicado** é tudo o que se declara na oração, ordinariamente em referência ao sujeito.” [1, p. 200]
- críticas:
 - ‘ser’, ‘pessoa’ ou ‘coisa’ não são objetos linguísticos
 - “Pedro apanhou de Maria”: é de Maria que se afirma a ação; mas “Maria” não é o sujeito, e sim “Pedro”
 - se não sabemos o que é sujeito, não podemos identificar o predicado (que é definido por oposição ao sujeito)

2 Argumento externo

- “o sujeito, em geral, coincide com o argumento externo de um predicador.” [5, p. 84]
- exemplos usados na citação a seguir:
 - (6) a. *O João* tomou água.
 - b. *O cachorro* tomou água.
 - (7) a. O João tomou *o ônibus*.
 - b. O João tomou *café*.
 - c. O João tomou *vergonha*.
 - d. O João tomou *uma decisão*.
 - e. O João tomou *um pescoço*.

- assimetria argumento externo × interno:

Em (6), a mudança do primeiro argumento de *o João* para *o cachorro* não acarreta diferença na interpretação do segundo argumento. Já em (7), embora o primeiro argumento se mantenha constante, seu papel semântico muda à medida que muda o segundo argumento. *O João* tem um papel semântico totalmente distinto quando associado a *tomar uma decisão* e *tomar um pescoção*, por exemplo. Dito de outra forma, a interpretação do primeiro argumento é computacionalmente determinada não em função de uma relação direta com o verbo, mas em função da relação previamente estabelecida entre o verbo e o segundo argumento.

[3, p.41]

- mas não em passivas:

No caso das estruturas passivas, enquanto o argumento interno aparece na função sintática de sujeito, o argumento externo pode ou não aparecer sob a forma de um SPrep (sintagma preposicionado), com a função tradicionalmente referida como agente da passiva:

(5) a. ... porque quase sempre *ela* é procurada pelos alunos... (D2 SP)

b. *Todas essas estradas* aqui foram pintadas à máquina (D2 SSA)

Em (5a), o argumento interno do predicador *procurar* é *ela* (a professora) — *os alunos procuram a professora* — que aqui aparece na função de sujeito, e o argumento externo “os alunos”, na função de agente da passiva, uma função incluída em descrições mais recentes como entre os termos oblíquos, juntamente com os complementos relativos e circunstanciais (cf. nota 5). Em (5b), o argumento interno igualmente cumpre a função de sujeito, enquanto o argumento externo não aparece.

[3, p. 85]

- opcionalidade do argumento externo:

Essa possibilidade de não realizar foneticamente o argumento externo nas estruturas passivas vem confirmar o que se disse no capítulo “Complementação” acerca da assimetria entre argumento externo e interno e da diferente relação sintática entre eles e seu predicador.

[3, p. 85]

- nem em inacusativas:

No caso das sentenças com verbos inacusativos, vimos no capítulo “Complementação” (seção “Verbos inacusativos e inergativos”) que geralmente apenas o argumento interno é selecionado. Esse argumento tem as mesmas características semânticas e estruturais do objeto direto; mas, **ao contrário, do que ocorre com o objeto direto, desencadeia concordância verbal e recebe caso nominativo ao invés de acusativo**, tal como o argumento externo. Observe o exemplo em (6):

(6) ... de vez em quando aparecem *as riscas no chão* marcando o início da pista (D2 SSA)

Observe que o constituinte em itálico se encontra em posição pós-verbal e que a falta de um argumento externo permite que ele entre em relação de concordância com o verbo. Uma evidência de que esse elemento recebe caso nominativo vem da possibilidade de ele ser anteposto ao verbo e de ser substituído por um pronome no caso reto, como mostra a reescritura de (6') em (6''):

(6') ... de vez em quando *as riscas no chão* aparecem marcando o início da pista.

(6'') ... de vez em quando *elas* aparecem marcando o início da pista.

[3, p. 85; destaque meu]

- portanto, sujeito \neq argumento externo:

Ainda que, em geral, haja coincidência entre sujeito sintático e argumento externo, o comportamento do argumento interno dos verbos inacusativos e do argumento interno das estruturas passivas mostra que o sujeito não se confunde com a noção de argumento externo.

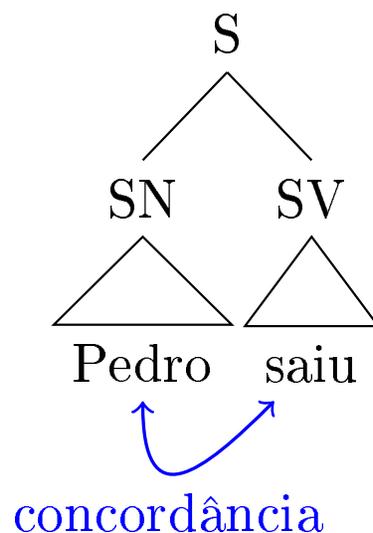
[3, p. 86]

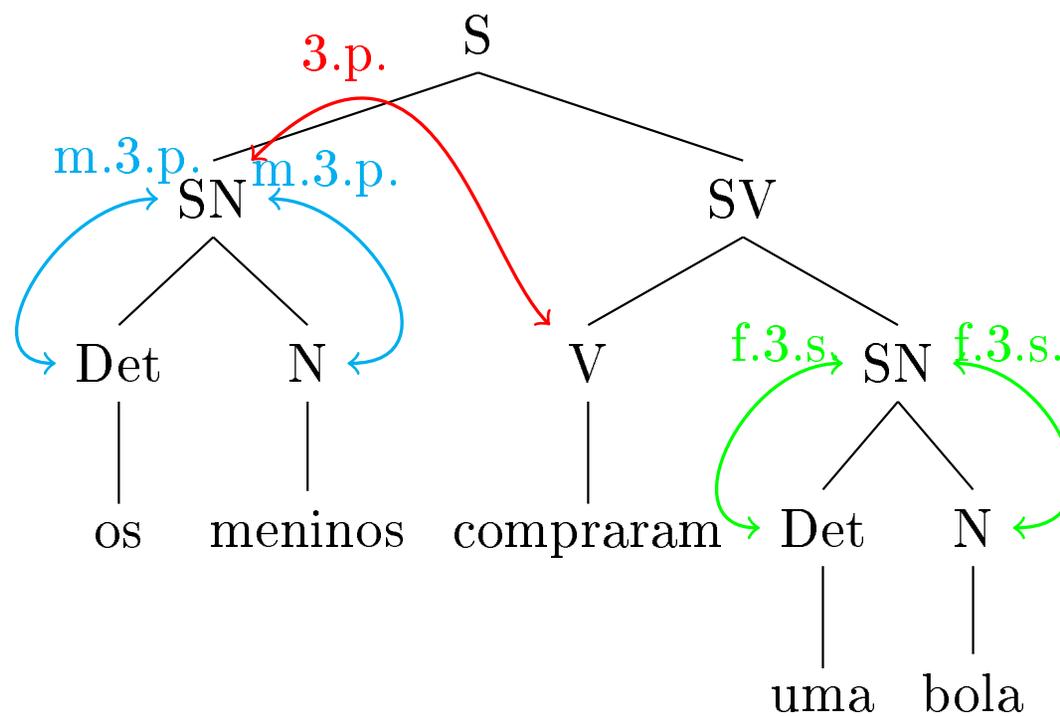
3 Concordância

- “o verbo desempenha na oração unicamente a função de núcleo do predicado; essa é a única função que um verbo pode desempenhar, e somente um verbo pode ser núcleo do predicado. Em outras palavras, o verbo é sempre o NdP da oração; e o NdP da oração é sempre um verbo.” [7, p. 71]
- “Sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP.” [7, p. 77]
- “a concordância verbal é crucial para a definição de sujeito. [3, p. 86]

4 De volta ao simples...

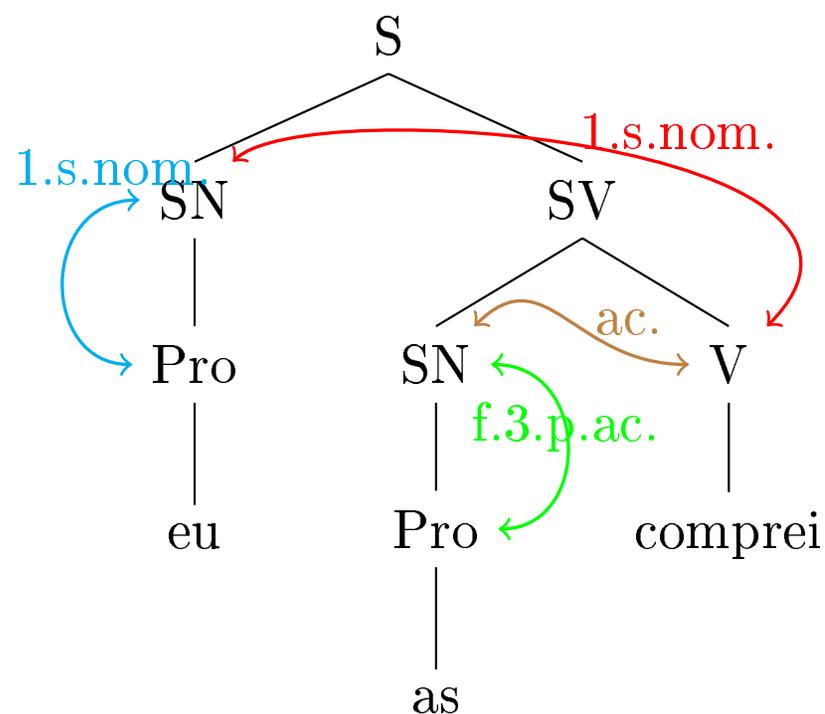
- V finito em SV filho de S concorda com SN filho do mesmo S



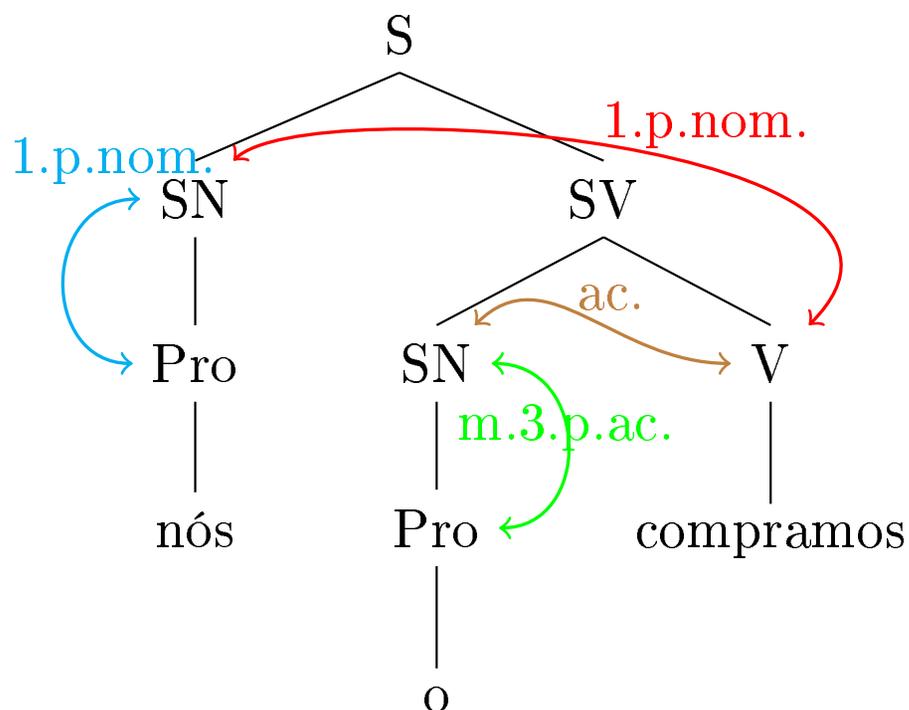


- marcado com nominativo:

- ✓ eu as comprei
- * me as comprei
- * eu elas comprei



- ✓ nós o compramos
- * nos o compramos
- * nós ele compramos



Referências

- [1] Evanildo Bechara. *Moderna Gramática Portuguesa*. Companhia Editora Nacional, 22a. edition, 1977.
- [2] Celso Cunha and Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Editora Nova Fronteira, 2a. edition, 1985.
- [3] Sonia Cyrino, Jairo Nunes, and Emilio Pagotto. Complementação. In Kato and do Nascimento [6], pages 37–80.
- [4] Carlos Henrique da Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. José Olympio Editora, 37a. edition, 1972.
- [5] Rosane de Andrade Berlinck, Maria Eugenia Lammoglia Duarte, and Marilza de Oliveira. Predicação. In Kato and do Nascimento [6], pages 81–149.
- [6] Mary A. Kato and Milton do Nascimento, editors. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil — Volume II: A Construção da Sentença (Vol. II)*. Contexto, São Paulo, 2015.
- [7] Mário A. Perini. *Gramática Descritiva do Português*. Ática, São Paulo, quarta edition, 2003.